

## **A relação entre educação e trabalho na perspectiva de Simone Weil: uma proposta para o ensino de filosofia**

**The relationship between education and work in Simone Weil's perspective: a proposal for teaching philosophy**

**La relación entre educación y trabajo en la perspectiva de Simone Weil: una propuesta para la enseñanza de la filosofía**

Recebido: 19/01/2022 | Revisado: 23/01/2022 | Aceito: 24/01/2022 | Publicado: 25/01/2022

**Rodrigo Gonçalves Duarte**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7332-1193>  
Universidade Cidade de São Paulo, Brasil  
E-mail: [rodrigogduarte600@gmail.com](mailto:rodrigogduarte600@gmail.com)

**Leonardo Felipe Gonçalves Duarte**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4161-3009>  
Universidade Cidade de São Paulo, Brasil  
E-mail: [leonardofelipe900@gmail.com](mailto:leonardofelipe900@gmail.com)

### **Resumo**

A temática abordada nesta investigação pretende analisar a questão da educação e sua relação com o trabalho, de acordo com Simone Weil, que dedicou a sua vida em prol da igualdade da classe trabalhadora. A pesquisa parte de uma indagação norteadora em relação ao método pedagógico chamado de “tradução”, proposto por essa filósofa, para a educação de operários e camponeses, no início do século XX: este método pode ser aplicado para o ensino de filosofia no ensino médio das escolas públicas, no Brasil, nos dias de hoje? Esta pesquisa se caracteriza como uma revisão bibliográfica realizada na base de dados do Google Acadêmico. É expressivo ressaltar que o ensino de filosofia se mostrou importante para a educação, considerando-se que, para os alunos, parece ser necessário apontar uma visão diferenciada, reflexiva e crítica sobre a filosofia, assim como fizeram Weil e outros pensadores, a partir da tradução da fala filosófica de forma a facilitar a aprendizagem dos alunos.

**Palavras-chave:** Ensino de filosofia; Simone Weil; Educação; Trabalho.

### **Abstract**

The theme addressed in this investigation aims to analyze the issue of education and its relationship with work in Simone Weil who dedicated his life to the equality of the working class. The research starts from a guiding question as the pedagogical method called “translation”, proposed by this philosopher, for the education of workers and peasants in the early twentieth century: this method can be applied to the teaching of philosophy in public schools in Brazil in the days of today? This research is characterized as a bibliographic review, which was carried out in the Google Scholar database. It is significant to emphasize that the teaching of philosophy proved to be something important for education, since for students it is necessary to point out a different, reflective and critical view of philosophy, as did Weil and other thinkers, that is, the translation of philosophical speech in order to facilitate students' learning.

**Keywords:** Philosophy teaching; Simone Weil; Education; Job.

### **Resumen**

El tema abordado en esta investigación pretende analizar la cuestión de la educación y su relación con el trabajo, según Simone Weil, quien dedicó su vida a la igualdad de la clase trabajadora. La investigación parte de una pregunta orientadora en relación al método pedagógico llamado “traducción”, propuesto por este filósofo, para la educación de los obreros y campesinos, a principios del siglo XX: este método puede ser aplicado a la enseñanza de la filosofía en bachillerato de las escuelas públicas en Brasil hoy? Esta investigación se caracteriza por ser una revisión bibliográfica realizada en la base de datos Google Scholar. Es significativo destacar que la enseñanza de la filosofía demostró ser importante para la educación, considerando que, para los estudiantes, parece necesario señalar una visión diferenciada, reflexiva y crítica de la filosofía, como lo hicieron Weil y otros pensadores, a partir de la traducción del discurso filosófico para facilitar el aprendizaje de los estudiantes.

**Palabras clave:** Enseñanza de la filosofía; Simone Weil; Educación; Trabajo.

## 1. Introdução

O objetivo deste estudo é analisar a importância do ensino de filosofia como facilitador da aprendizagem dos alunos de ensino médio e sua relação com o trabalho, sob a perspectiva de Simone Weil (2005). Esta pesquisa é relevante por sua contribuição ao debate sobre o assunto.

Diante do tema apresentado, pergunta-se se é possível, no atual contexto educacional, por meio da disciplina de filosofia, construir uma prática educativa enraizada nas experiências vividas pelo aluno em seu cotidiano. É possível que este aprenda, partindo-se de uma “pedagogia da tradução”, como fez Weil com seus operários?

Bingemer (2000) afirma que Simone Weil está conjugada com uma tensão ética de fundo que a levou, durante toda sua vida, não à fuga do mundo, mas à encarnação e ao ser-para-os-outros em uma forma radical. Vale ressaltar que Weil sempre buscou o eterno, no sobrenatural, ou no natural, assim como na escuta de seus indícios e ecos, nas grandes religiões, como judaísmo, cristianismo e na sacralidade do universo. Weil também dedicou a sua vida em prol da igualdade da classe trabalhadora.

O desafio de aplicar a “pedagogia da tradução” de Weil ao ensino de filosofia, para jovens, parte da premissa de que, hoje, ainda há muitos problemas no cotidiano do aluno de escola pública, tais como a violência, a miséria e a exclusão social. Tais problemas são vivências cotidianas de jovens das classes mais pobres e mais vulneráveis. Esses problemas são antigos e recorrentes nos bairros periféricos, onde vive a população de baixa renda, e não são problemas recentes, como demonstram muitos estudos sobre o tema.

Portanto, este trabalho propõe-se a considerar a aplicação da “pedagogia da tradução”, desenvolvida por Simone Weil (2005), em suas aulas para os operários. A pedagogia da tradução de Weil consiste em uma metodologia de ensino que parte da leitura/tradução de textos dos pensadores mais renomados da história da filosofia, de modo a torná-los compreensíveis aos alunos. De acordo com Weil, todos os alunos podem compreender os textos de Platão, até chegar em pensadores contemporâneos como Heidegger, bastando ao professor traduzi-los na linguagem dos alunos.

## 2. Metodologia

Este trabalho se caracteriza como uma pesquisa teórica de revisão bibliográfica, com o objetivo de analisar a relação entre educação e o conceito de trabalho, de acordo com Simone Weil. O referencial teórico de base inclui obras filosóficas de Weil como: *O enraizamento* (2005), *Opressão e liberdade* (1939), assim como estudos de alguns teóricos, como Bingemer, (2005), Queiroz (2017) e Santos (2015). A seleção das fontes foi realizada na base de dados do Google Acadêmico. Por meio das palavras-chave utilizadas nessa pesquisa foi feita a busca por artigos, teses ou dissertações que relacionassem a temática. Segundo Sousa, Oliveira e Alves (2021), a pesquisa bibliográfica é usada nas pesquisas para dar fundamentação teórica e para que reveja o que já tem publicado a respeito da temática.

A pesquisa baseia-se no estudo da teoria já publicada, assim é fundamental que o pesquisador se aproprie no domínio da leitura do conhecimento e sistematize todo o material que está sendo analisado. Na realização da pesquisa bibliográfica o pesquisador tem que ler, refletir e escrever o sobre o que estudou, se dedicar ao estudo para reconstruir a teoria e aprimorar os fundamentos teóricos. É essencial que o pesquisador organize as obras selecionadas que colaborem na construção da pesquisa em forma de fichas. (Sousa et al., 2021, p.66).

Este tipo de pesquisa busca por meio do levantamento literário uma análise crítica para que se desenvolva um novo conhecimento e que a pesquisa que surge possa contribuir para o campo do saber. Por isso, é preciso ressaltar que Boccato (2006) descreve não bastar a revisão, mas é preciso ter uma visão crítica para que de fato a pesquisa tenha sentido. Após dar prosseguimento na seleção dos artigos, foi feita a análise interpretativa sobre as questões que foram apresentadas, levando em

consideração que:

Interpretar é um ato contínuo que sucede à compreensão e também está presente nela: toda compreensão guarda em si uma possibilidade de interpretação, isto é, de apropriação do que se compreende. A interpretação se funda existencialmente na compreensão e não vice-versa, pois interpretar é elaborar as possibilidades projetadas pelo que é compreendido. (Minayo, 2012, p. 623).

Dessa forma, para que fosse feito a interpretação dos dados nos fundamentamos nos princípios teóricos que deram base ao presente artigo e considerando que a ação daquele que pesquisa é um “*ato contínuo*”, por isso ressaltamos não ser um trabalho acabado e tende a se abrir a novos questionamentos (Minayo, 2012). No entanto, após feita a leitura e a análise dos artigos percebemos dois eixos temáticos que se destacaram: O ensino de filosofia traduzido e o desafio em se realizar a tradução desse ensino.

### 3. Resultados e Discussões

#### 3.1 O ensino de filosofia

No momento em que o professor de filosofia se dedica a ensinar temas ou conteúdos filosóficos a seus alunos, é preciso refletir que tais conteúdos possuem um contexto histórico a ser transmitido, visto que a filosofia tem cerca de dois mil e quinhentos anos de história. Assim, o professor necessita abordar as temáticas de maneira a vitalizar o conteúdo e torná-lo atrativo aos alunos do ensino médio. Gallo (2006 p.19) observa que o professor de filosofia deve evitar dois problemas recorrentes: o conteudismo e o ensino voltado apenas para habilidades e competências:

No caso específico da filosofia, temos uma imbricação muito própria entre conteúdo e forma de produção. Isso significa que, no caso do ensino da filosofia, precisamos fugir de dois “cantos de sereia” muito comuns nos processos educativos: o conteudismo (isto é, tomar o ensino como mera transmissão de conteúdos historicamente produzidos) e outro mais “moderno”, aquele do discurso das competências e habilidades (isto é, tomar o ensino na contramão do conteudismo, como o desenvolvimento de determinadas habilidades e competências específicas). Se levarmos em conta que a atual política educacional brasileira, em especial os Parâmetros Curriculares Nacionais, assumem a defesa da organização do ensino em torno do desenvolvimento de competências e habilidades, certamente essa não é uma tarefa simples.

Por que ensinar filosofia nas escolas? Essa pergunta é sempre posta e repostada para o professor de filosofia. Qual o real significado da filosofia na vida das pessoas? Como não existe uma única resposta, podemos recorrer a um argumento muito presente neste debate: uma das finalidades do ensino de filosofia é a formação do pensamento crítico e reflexivo nos alunos, ou seja, a filosofia favorece a autonomia aos alunos, isto é, o pensar por si mesmos. Isso é confirmado pelo professor Obiols (2002):

[...] aprender a filosofar só pode ser feito estabelecendo um diálogo crítico com a filosofia. Do que resulta que se aprende a filosofar aprendendo filosofia de um modo crítico, quer dizer, que o desenvolvimento dos talentos filosóficos de cada um se realiza pondo-os à prova na atividade de compreender e criticar com a maior seriedade a filosofia do passado ou do presente (...). Kant não é um formalista que preconiza que se deve aprender um método no vazio ou uma forma sem conteúdo; tampouco se segue que Kant tivesse avalizado a ideia de que é necessário lançar-se a filosofar sem mais nem muito menos a ideia de que os estudantes deveriam ser impulsionados a ‘pensar por si mesmos’, sem necessidade de se esforçar na compreensão crítica da filosofia, de seus conceitos, de seus problemas, de suas teorias etc. (Obiols, 2002, p. 77).

Gallo (2006) ressalta que ensinar filosofia é um trabalho com a diversidade, o que envolve diversos questionamentos, tendo os alunos acesso a perguntas essenciais para que fundamentem a sua existência de vida. Por isso, o ensinar filosofia é tido como sendo um risco de procura da criatividade, pois é um trabalho que não tem respostas simplistas, mas sempre bem

fundamentadas no pensamento reflexivo.

Diante disso, as novas tendências do ensino de filosofia demonstram que cada vez mais é necessário propiciar aos alunos um olhar diferenciado, reflexivo e crítico sobre os temas debatidos nas aulas de filosofia no ensino médio. Para isso, é preciso que se quebrem paradigmas educacionais vigentes nos dias de hoje, tendo em vista que os alunos da atualidade precisam de diálogo, o que é facilitado quando o professor não usa palavras difíceis, mas busca aproximar-se da linguagem dos alunos, trazendo a filosofia para o seu dia a dia.

Gallo (2006, p.22) destaca que o currículo do ensino médio deve garantir aos alunos tanto o ensino de filosofia, quanto de disciplinas de ciências e artes, pois cada um destes componentes contribuem para o desenvolvimento da potência do pensamento discente.

Garantir um currículo do ensino médio como expressão de um equilíbrio entre as potências do pensamento conceitual (filosofia), do pensamento funcional e proposicional (ciência) e do pensamento perceptual e afetivo (arte) significa oportunizar aos estudantes uma experiência possivelmente única com cada uma dessas potências. Aqueles que concluirão seus estudos nesse nível dificilmente terão outras oportunidades de encontro com tais experiências; por outro lado, aqueles que farão estudos universitários provavelmente enveredarão por uma dessas áreas, especializando-se, sem maiores oportunidades de experimentar as outras potências de pensamento.

Quando a filosofia é ensinada, é imprescindível o uso de métodos pedagógicos que possibilitem que o aluno construa seu próprio conhecimento, já que a educação básica deve fornecer ao aluno as condições mínimas de aprendizagem com um enfoque transformador. “E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso ‘bancário’ meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo” (Freire, 2011, p.28).

Diante da situação de desestímulo, ou desinteresse pela disciplina de filosofia, é necessário que o professor faça a diferença com os estudantes, uma vez que a filosofia é transformadora e faz com que o indivíduo que a conheça nunca mais seja o mesmo.

Vou afirmar que um professor de filosofia é aquele que, acima de tudo, consegue construir um espaço de problematização compartilhado com seus alunos. [...] Ensinar filosofia é antes de mais nada ensinar uma atitude em face da realidade, diante das coisas, e o professor de filosofia tem que ser, a todo momento, conseqüente com esta maneira de orientar o pensamento. (Cerletti, 2003, p. 62).

Frente a isso, ressalta-se que o professor é uma peça-chave no processo de desenvolvimento do estudante, visto que é o agente responsável por despertar, nos alunos, o interesse pela crítica filosófica, para que eles possam aproveitar todos os benefícios que ela pode proporcionar ao ser humano na busca pela verdade. Assim como descreve Rocha, Brito e Cerce (2022) ao relatar que o professor exerce o papel de mediador de aprendizagens tornando o processo de ensino facilitador para o estudante.

Se tomamos então a filosofia como uma atividade de criação de conceitos, a aula de filosofia escapa a todos esses modelos. Nessa perspectiva, a aula precisa adquirir um caráter prático, investigativo, dinâmico, sem, no entanto, cair no senso comum e no “opinionismo”, sem perder a dimensão estritamente filosófica do conceito. Explorando essa ideia, tenho afirmado que a aula de filosofia pode ser vista como que uma oficina de conceitos, um local onde eles são experimentados, criados, testados. (Gallo, 2006 p.25).

Portanto, a educação filosófica deve buscar novos horizontes e novas formas de enfatizar o seu real sentido, já que ensinar filosofia não é apenas descrever conceitos, mas é demonstrar, com a prática de reflexão crítica, que ela pode contribuir para que o sujeito encontre a verdade sobre si e sobre todas as coisas.

Diante desse desafio de conquista dos alunos que se encontram desestimulados, a próxima seção demonstrará a

proposta de Simone Weil de uma metodologia inovadora denominada “tradução”. Essa filósofa propõe que os alunos compreendam os mais difíceis textos eruditos, desde que o professor “traduza” esses textos para uma linguagem próxima dos alunos, fazendo com que eles passem a gostar e sentir prazer em estar na aula de filosofia. Weil aplicou esse método para seus alunos operários, estabelecendo uma relação entre o conceito de trabalho e a educação.

### 3.2 Relação entre educação e trabalho em Weil

Queiroz (2017) ressalta que Simone Weil era uma “ativista” que tinha por ideal uma educação voltada à realidade do aluno. Neste sentido, uma educação enraizada tem seu ponto de partida na compreensão da realidade dos seus estudantes, ou seja, vivencie aquilo que eles vivem. A filósofa assim descreve essa realidade:

Separada do mundo, em uma atmosfera confinada, uma cultura consideravelmente orientada para a técnica e influenciada por ela, muito tingida de pragmatismo, extremamente fragmentada pela especialização, completamente desprovida ao mesmo tempo de contato com este universo e de abertura para o outro mundo. (Weil, 2005, p. 45).

Muitos são os obstáculos que a pensadora tem para formar seus operários nas grandes fábricas. Um deles é o que observa quando diz que, ao submeter-se o operário ao ensino visando à formação de mão-de-obra para grandes empresas, corre-se o risco de o ensino ser apenas voltado ao mercado de trabalho. Neste contexto, não é possível confiar em métodos arcaicos de educação, em que apenas existe a transmissão de conhecimento por parte do professor.

Neste sentido, a didática de Weil era trabalhar com a realidade de seus alunos, com aquilo que eles conheciam, fazendo com que seus alunos-operários acessassem o conhecimento de forma mais significativa. Weil (2005, p. 65) ressalta que, para que o aluno compreenda a informação e construa o conhecimento, é necessário:

[...] um esforço de tradução. Não de vulgarização, mas de tradução, o que é muito diferente. Não tomar as verdades, já excessivamente pobres, contidas na cultura dos intelectuais, para as degradar, mutilar, esvaziar de seu sabor; mas simplesmente expressá-las, em sua plenitude, por meio de uma linguagem que, segundo a expressão de Pascal, as torne sensíveis ao coração, para pessoas cuja sensibilidade se acha modelada pela condição operária.

Pode-se dizer que, para os alunos do ensino médio da escola pública, comparando-os aos operários, parte da metodologia da aula de filosofia seria a apresentação dos diálogos platônicos, conteúdo pelo qual muitos deles não se interessam. Caberia ao professor exercer um papel de mediador, com base na pedagogia da tradução, favorecendo a compreensão do aluno. Weil fez assim com seus trabalhadores, quando traduziu na linguagem deles os mais diversificados textos eruditos, fazendo com que eles entrassem em contato com a filosofia, na sua própria linguagem.

Só que seria preciso saber traduzi-la e apresentá-la. Por exemplo, um operário que sofre da angústia do desemprego, nela mergulhado até a medula dos ossos, compreenderia o estado de Filo teto quando lhe tiram o arco, e o desespero com que olha para suas mãos impotentes. Compreenderia também que Electra tem fome, o que um burguês, excetuando o período presente, é totalmente incapaz de compreender. (Weil, 1987, p. 367).

Assim, a proposta desta pensadora para a educação é a tradução da linguagem erudita, usada pelas camadas ricas da sociedade que têm maior acesso à cultura, propondo o uso de uma linguagem mais coloquial, socialmente mais usada pelas pessoas que participam do seu processo de ensino, para que possam melhor entender as aulas dadas por ela.

Para Weil, as maiores obras clássicas dos tempos antigos, como Homero, entre outros, estão dentro do contexto das pessoas pobres, mas, a linguagem utilizada por elas não faz parte do seu contexto social. Mas, se houver uma tradução por parte do professor, a aprendizagem pode acontecer. Diz Weil (1987, p.312):

Homero e Sófocles estão cheios de coisas pungentes e profundamente humanas, é só os exprimir e representá-los de forma que se tornem acessíveis a todos. Acho, com um certo orgulho, que se preparar estas matérias e se lhes forem lidas, os operários mais iletrados saberão mais sobre a literatura grega do que 99% dos bacharéis – e ainda mais.

Para ela, a discussão filosófica deveria fazer parte da vida dos mais pobres da sociedade, de forma que a cultura dos ricos fosse democratizada e compartilhada. Isso seria possível, desde que se falasse na sua linguagem, facilitando-lhes a compreensão, tornando esse conteúdo significativo para eles.

Para Weil, a leitura é algo surpreendente e essencial para que a pessoa conheça o mundo à sua volta, leitura, aqui, compreendida como interpretação da realidade. Sendo assim, a pessoa passa a ter a possibilidade do letramento, que seria a interpretação do que está à sua volta, o que Paulo Freire chamaria de “leitura de mundo”. Queiroz (2017, p.44) afirma que:

O conceito de leitura é fundamental na filosofia de Simone Weil, pois, para ela, o mundo é um texto pelo qual a realidade é interpretada e significada de diversas maneiras através do corpo, assim como, na aprendizagem do alfabeto, este entra pela mão através do traçado das letras. A leitura é a significação do mundo, mas depende do exercício do hábito, tal qual a analogia do aprendizado do alfabeto. Há dois níveis de leitura: pela força e pela aprendizagem. Simone relata, por exemplo, as diferentes experiências de um soldado ao ver outro homem em tempos de paz ou em tempos de guerra, denotando que a força altera a leitura da realidade. Por outro lado, a aprendizagem pode conduzir o homem a outro nível de leitura, ao segundo ou terceiro níveis, até ao ponto de chegar à “não leitura”, ou seja, à completa integração (harmonia) do homem com a ordem do mundo.

Desta forma, dialogando com esses dois teóricos da educação, Weil e Freire, observamos que ambos propõem um modelo de educação libertadora, que faz com que o estudante, por meio da consciência de mundo que a educação propõe, alcance a liberdade de pensamento, podendo refletir sobre as coisas que estão ao seu redor, resultado de uma educação integral.

A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica na negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também na negação do mundo como uma realidade ausente dos homens. A reflexão que propõe, por ser autêntica, não é sobre este homem abstrato nem sobre este mundo sem homem, mas sobre os homens em suas relações com o mundo. Relações em que consciência e mundo se dão simultaneamente. Não há uma consciência antes e um mundo depois e vice-versa. (Freire, 1982, p.81).

Em vista disso, a educação que liberta o aluno se faz essencial para que supere o modo tradicional e faça com que este aluno, por meio de suas experiências diárias, construa o conhecimento de forma crítica e autônoma, partindo da curiosidade e de sua criatividade. Neste processo de ensino e aprendizagem, o professor pode propor meios para que o aluno aprenda, pois toda aprendizagem, para estes dois pensadores, é libertadora.

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo “encha” de conteúdo; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdo, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo. (Freire, 1982, p.77).

Assim, esses dois pensadores se completam ao refletirem sobre a educação de trabalhadores, pois, para eles, a educação tem muita relação com o trabalho do educando, ou seja, com aquilo que ele vivência. Para Weil, é necessário que o professor adote o método da “tradução” para que os alunos compreendam os temas e conteúdos abordados em aula. Para Freire, é preciso que o professor faça com que seu aluno leia o mundo e o interprete para que, assim, possa se libertar. Os dois possuem muitas coisas em comum, pois ambos educaram trabalhadores fazendo com que a educação chegasse até eles por meio daquilo que estes conheciam.



### 3.3 A Filosofia da Tradução de Weil

Muitos de seus biógrafos, como Maria Clara Bingemer, destacam os métodos pedagógicos de Simone Weil como prodigiosos. Sua forma de traduzir os textos das poesias gregas para os estudantes operários era fascinante, uma vez que, poucos docentes, como descreve Bingemer (2007), conseguiam tal proeza. Sobre isso, Queiroz (2017, p.43) ressalta que:

Sobre esse dom, ela nos diz que, quando se “transpõe” a cultura erudita para o conhecimento popular, é ainda melhor para aquela, uma vez que, assim, a cultura erudita vê-se divulgada, compreendida, saindo desta atmosfera de erudição onde se encontra encarcerada, como se fosse acessível somente aos “especialistas”. Da forma que nos é apresentada, a cultura formal torna-se um instrumento manipulado por professores como um molde para fabricar professores.

Desta forma, ao traduzir para os alunos os mais diversos textos filosóficos, Weil transpõe a linguagem erudita para uma linguagem atual, por meio da qual essas pessoas possam compreender o lugar de fala de Platão ou Aristóteles, por exemplo. Por isso, Bingemer (1981) ressalta que Weil compreendia muito bem a cultura grega e romana para que assim pudesse traduzir tais textos, fazendo com que seus alunos operários os compreendessem da melhor forma possível.

Por volta de 1935, Simone Weil concebeu a ideia de divulgar a poesia grega para os operários, em especial, certas tragédias gregas. Com efeito, esse desejo de divulgar sem vulgarização a acompanhará até o fim de sua vida, pois no seu derradeiro texto, *O Enraizamento*, escrito no mesmo ano de sua morte, em 1943, ela retorna a essa ideia. A filósofa afirma claramente que melhor do que falar em vulgarização da cultura seria falar em “tradução”. (Punkte 2013, p. 75).

Na grande obra *Odisseia*, de Homero, por exemplo, Weil (1987) descreve que via ali um resumo de toda a ideia da força que coordena o poder político e social. E é justamente isso que essa filósofa procurava nas grandes literaturas gregas e romanas. A sua inspiração, de acordo com Bingemer (1981), era a de que a “teoria da força” pudesse ser posta em prática nos dias atuais. Com isso, Weil (1987) afirma que, quanto à nossa disposição em venerar os grandes “vencedores” da história, taxando, por vezes, concepção de vitoriosos como a única história aceitável, esquecemo-nos daqueles que supostamente foram vencidos.

A filósofa não só esteve presente na vida dos estudantes operários, mas também estava junto deles no trabalho, nas fábricas. Quando alguns operários foram reivindicar seus direitos, Weil estava presente e deu total apoio a seus alunos. Muitos jornalistas da época não entenderam a postura dessa professora e se questionavam: por que uma professora do Liceu está presente aqui? Ela foi muito pressionada pela gestão e pelo poder público para largar o cargo, mas, seus alunos, por gostarem tanto de suas aulas, fizeram um abaixo assinado para que a filósofa permanecesse como professora no Liceu. (Bingemer, 1981).

Ela executava seu método de tradução até mesmo com filósofos já formados, como é o caso de Gustave Thibon, que afirma no prefácio da obra de Weil, *A condição Operária e Outros Estudos sobre a Opressão* (1979), que:

Seus dons pedagógicos eram prodigiosos, se ela sobrestimava de bom grado as possibilidades de cultura de todos os homens, ela sabia se pôr ao nível de qualquer pessoa para ensinar o que quer que fosse... Ensinando a regra de três a um moleque atrasado na aldeia, ou me iniciando nos arcanos da filosofia platônica, ela se dava a si mesma e tentava obter de seu discípulo aquela qualidade de atenção extrema que, na sua doutrina, se identifica à prece. (Weil, 1979, 48-49).

Thibon foi um filósofo muito católico e dono de uma fazenda na região de Paris. Conheceu esta filósofa por meio da carta de um amigo, na qual ele pedia um emprego para ela como criada, descrevendo-a: “...uma jovem israelita, filósofa e militante de extrema esquerda”. Sabe-se que ele, de primeiro, não quis ajudar, afirmando, no prefácio, que Weil: “[...] exteriorizava, com uma espontaneidade tremenda, o lado desagradável de sua natureza, mas foi necessário muito tempo, afeto

*e pudor vencido para manifestar o que havia nela de melhor.*” (Weil, 1993, p. 9).

Bingemer (2009) afirma que Weil é “*uma professora da prática da existência humana*”. O autor define a filosofia de Simone Weil não como uma simples ação genérica, com a intenção de edificar concepções inacessíveis ao sujeito simples e disponíveis apenas para a elite de filósofos, mas, sim, de que o filosofar é um método que se adquire com a evolução espiritual, na qual esse vem a ser adquirido com uma mudança radical do estilo de vida da pessoa, como uma espécie de purificação e uma transformação da alma.

Como os pitagóricos, ela compreendeu que no mais profundo núcleo da filosofia está a tensão, a contradição e a harmonia. Como Sócrates, compreendeu que filosofar é um diálogo constante na busca da verdade. Graças a Marco Aurélio, compreendeu que a filosofia é um processo de autodisciplina e de purificação constante do desejo. Como Plotino, compreendeu que a filosofia é um processo de contemplação e de passividade, que implica deixar para trás toda atividade interna, representações distintas, vontade própria e posses individuais. E, devido a Platão, compreendeu que a filosofia é um treinamento para a morte; um processo de autodescobrimento e de aniquilação do self, de adquirir um olhar novo para a realidade, de ser progressivamente transformado pela presença de Deus, e, de todas estas maneiras aceder à salvação. (Bingemer, 2009, p. 57).

Bingemer (2009) ainda ressalta que sua filosofia pode ser confundida com sua vida, já que ambas caminham em comum acordo, pois a sua filosofia testemunhava a respeito da originalidade de sua vida, visto que, para ela viver, tinha que buscar pela verdade, pelo bem e pela justiça. Por isso, para Weil só existe reflexão filosófica se houver uma transformação de vida.

A filosofia para Simone Weil não é concebida, por conseguinte, como um saber meramente teórico, mas principalmente como um modo de vida, e é oportuno lembrar, para os que não conhecem sua breve, mas impressionante biografia, que a sua própria existência foi fortemente dedicada às causas sociais e modelada – como provavelmente nenhuma outra vida de um filósofo do século XX foi – conforme adágio socrático de que “é melhor sofrer uma injustiça do que cometê-la”. É a testemunha viva desta concepção da filosofia como um modo de vida, associando assim de maneira exemplar práxis política e reflexão filosófica. (Puente, 2013, p. 148-149).

Weil, como docente, se aliava aos livros e à filosofia para educar seus alunos e, partindo da experiência de vida, ela vai se afastando das teorias e se aproximando da vivência dos educandos. Bingemer (2009) ainda descreve que seus textos são simples e de fácil compreensão, já que ela traduz, de forma simples para que todos compreendam, os mais complexos textos filosóficos.

E assim deve ser com os estudantes de hoje em dia, pois, como ressalta Gallo (2006), os professores devem fazer com que a filosofia estimule os alunos a pensar criticamente a respeito do mundo e das coisas que estão à sua volta, de maneira a se formarem integralmente como indivíduos capazes de refletir sobre as coisas que os rodeiam.

#### **4. Considerações Finais**

É expressivo ressaltar que o ensino de filosofia se mostrou como algo importante para a educação, uma vez que é preciso apresentar aos alunos um olhar diferenciado, reflexivo e crítico sobre a filosofia, assim como fizeram Weil e outros pensadores, traduzindo a fala filosófica de forma a facilitar a compreensão e a consequente aprendizagem desses alunos.

Procuramos apresentar neste trabalho, que é possível construir com o estudante uma educação enraizada nas suas vivências do dia a dia, na qual o professor de filosofia, ao abordar os temas em sala de aula, pode fazer com que as obras platônicas e aristotélicas, ou outras, como *O Príncipe*, de Maquiavel, sejam compreendidas pelos alunos, considerando o que eles vivem no seu cotidiano.

Também é notório que uma pedagogia da tradução se faz necessária nos dias de hoje, pois os alunos enfrentam uma



grande onda de desestímulo, na qual o ensino de filosofia é visto como algo sem sentido. O professor, ao abordar a “pedagogia da tradução”, fará com que os temas trabalhados em sala sejam compreendidos de acordo com a realidade de seus alunos.

Ficou evidente que a busca pela verdade foi o grande motivo que impulsionou Simone Weil, tanto do ponto de vista existencial, como do filosófico. Teve uma vida inquieta e apaixonada pelo mundo, pelo exercício filosófico, pelo próximo em seu sofrimento e por Deus, quem ela encontra ao buscar incansavelmente a verdade filosófica.

Diante disso, percebemos que a proposta da *pedagogia da tradução* de Weil tem por base a sua experiência concreta de trabalho em sala de aula e seu exercício filosófico em busca da verdade. Ao demonstrar que o trabalho filosófico e a prática da educação podem interagir, podemos colocar estes conceitos nos dias atuais, quando relacionamos a realidade dos alunos com os conteúdos trabalhados pela filosofia.

Muito precisa ser mudado para que se atinja o ideal weiliano de educação, mas, para isso, é preciso empenho dos docentes que, ao exercerem o papel de mediadores, necessitam de abertura para que possam adaptar os antigos métodos de ensino para um novo e eficaz método, ou seja, a pedagogia da tradução.

Portanto, esta, investigação buscou contribuir para que se possa compreender a temática da educação e a sua relação com o trabalho pedagógico e filosófico. Este estudo também pretende contribuir para novas pesquisas, pois esse tema não se esgota aqui. É preciso que haja mais pesquisas filosóficas neste campo de atuação para que a educação brasileira seja cada vez melhor. Este estudo não se encerra aqui, sendo imprescindível a realização de pesquisas qualitativas que visem identificar nos alunos e nos professores a aplicação de tal método.

## Referências

- Bingemer, M. C. L. (2007). *Simone Weil a força e a fraqueza do amor*. Rocco.
- Bingemer, M. (2009). *Simone Weil e o encontro entre as culturas*, Paulinas.
- Bingemer, M. (1981). *Simone Weil e o estudo das culturas*, editora PUC-RIO.
- Bingemer, M. (2000). *Simone Weil: A força e a fraqueza do amor*. ed. Rocco.
- Bocato, V. R. C. (2006). Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. *Rev. odontol. Univ. Cid. Sao Paulo*;18(3) 265-274.
- Bordin, Luigi. (1994) *A Paixão e a provocação da Verdade*. Síntese Nova Fase.
- Cerletti A. (2003). Ensino de filosofia e filosofia do ensino filosófico. In: Gallo, S., Cornelli, G. & Danelon, M. (Org.). *Filosofia do ensino de filosofia*. Vozes.
- Freire, P. (1982). *Pedagogia do oprimido*. (11a ed.), Paz e Terra.
- Freire. P. (2011). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, Paz e Terra.
- Gabellieri, E. (2005). Simone Weil: uma filosofia da mediação e do dom. In: Bingemer, M. C. L.; di Nicola, G. P. (Orgs). *Simone Weil: ação e contemplação*. Bauru: Ed. Edusc, 213-214
- Gallo. Silvio. (2006). A Filosofia e seu Ensino: Conceito e Transversalidade. *Ethica*, 13 (1), 17-35. <http://professor.ufabc.edu.br/~la.salvia/wp-content/uploads/2016/09/gallo-filosofia-e-seu-ensino-conceito-e-transversalidade.pdf>.
- Mariz, D. (2019). Reflexões sobre a educação do trabalhador a partir do pensamento de Simone Weil. *Pro-Posições* 30 (2) [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010373072019000100553&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010373072019000100553&script=sci_arttext).
- Obiols, G. (2002). *Uma introdução ao ensino da filosofia*. Editora da UNIJUÍ.
- Puente, F. R. (2013). *Exercícios de atenção: Simone Weil leitora dos gregos*. Paulinas / editora: PUC-Rio.
- Queiroz, H. (2017). *Educação, desenraizamento e contemporaneidade em Simone Weil*. Salvador, 92 f. Orientador: Luciano Costa Santos. Dissertação (Mestrado) -Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus I. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEDUC, 2017.
- Rocha, S. C., Brito, R. de O., & Cerce, L. M. R. (2022). O protagonismo estudantil e os desafios da sociedade contemporânea: um diálogo sobre projeto de vida. *Research, Society and Development*, 11(1). <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i1.25070>.
- Santos, L. (2015). A servidão involuntária: Trabalho, educação e enraizamento em Simone Weil. *Ágora Filosófica*. 15 (1).

Sousa, A., Oliveira, G. & Alves, L. (2021). A Pesquisa Bibliográfica: princípios e fundamentos. *Cadernos da Fucamp*, 20 (43), 64-83. <https://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/view/2336>.

Teixeira, Faustino. (2011). *Caminhos da mística*. Paulinas.

Weil, Simone. (1939). *Opressão e liberdade*, EDUSC.

Weil, Simone. (1987). *Aulas de filosofia*. Tradução Marina Appenzeller. Papirus.

Weil, Simone. (1993). *A Gravidade e a Graça*. Martins Fontes.

Weil, Simone. (2005). *O enraizamento*. editora EDUSC.

Weil, Simone. (2007) *Condição Operaria e Outros Estudos Sobre a Opressão*. Rio de Janeiro. Paz e terra. (2a ed.) Ecléa Bosi.